

FORMAÇÃO CONTINUADA EM LÍNGUA PORTUGUESA
ROTEIRO DE ATIVIDADES

9º ANO

2º BIMESTRE

AUTORIA

IREMAR LEAL DA SILVA

Rio de Janeiro

2013

TEXTO GERADOR I

O texto gerador I é um conto de Sérgio Franco. Nele, o autor fala de sua infância e adolescência, marcadas por travessuras, desobediências e experiências vividas.

NÃO CHORE, PAPAÍ

Embora você proibisse, tínhamos combinado: depois da sesta iríamos ao rio e a bicicleta já estava no corredor que ia dar na rua. Era uma Birmingham que Tia Gioconda comprara em São Paulo e enlouquecia os piás da vizinhança, que a pediam para andar na praça e depois, agradecidos, me presenteavam com estampas do Sabonete Eucalol.

Na hora da sesta nossa rua era como as ruas de uma cidade morta. Os raros automóveis pareciam se estear também, à sombra dos cinamomos, e nenhum vivente se expunha ao fogo das calçadas. Às vezes passava chiando uma carroça e então alguém, querendo, podia pensar: como é triste a vida de cavalo.

Em casa a sesta era completa, o cachorro sesteava, o gato, sesteavam as galinhas nos cantos sombrios do galinheiro. Mariozinho e eu, você mandava, sesteávamos também, mas naquela tarde a obediência era fingida.

Longe, longíssimo era o rio, para alcançá-lo era preciso atravessar a cidade, o subúrbio e um descampado de perigosa solidão. Mas o que e a quem temeríamos, se tínhamos a Birmingham? Era a melhor bicicleta do mundo, macia de pedalar coxilha acima e como dava gosto de ouvir, nos lançantes, o delicado sussurro da catraca!

Tínhamos a Birmingham, mas era a primeira vez que, no rio, não tínhamos você, por isso redobrei os cuidados com o mano. Fiz com que sentasse na areia para juntar seixos e conchinhas e enquanto isso, eu, que era maior e tinha pernas compridas, entrava n'água até o peito e me segurava no pilar da ponte ferroviária.

Estava nu e ali mesmo me deixei ficar, a fruir cada minuto, cada segundo daquela mansa liberdade, vendo o rio como jamais o vira, tão amável e bonito como teriam sido,

quem sabe, os rios do Paraíso. E era muito bom saber que ele ia dar num grande rio e este num maior ainda, e que as mesmas águas, dando no mar, iam banhar terras distantes, tão distantes que nem a Tia Gioconda conhecia.

Eu viajava nessas águas e cada porto era uma estampa do cheiroso sabonete. Senhores passageiros, este é o Taj Mahal, na Índia, e vejam a Catedral de Notre Dame na capital da França, a Esfinge do Egito, o Partenon da Grécia e esta, senhores passageiros, é a Grande Muralha da China – isso sem falar nas antigas maravilhas, entre elas a que eu mais admirava, os Jardins Suspensos que Nabucodonosor mandara fazer para sua amada, a filha de Ciáxares, que desafeita ao pó da Babilônia vivia nostálgica das verduras da Média.

E me prometia viajar de verdade, um dia, quando crescesse, e levar meu irmãozinho para que não se tornasse, ai que pena, mais um cavalo nas ruas da cidade morta, e então vi no alto do barranco você e seu Austin.

Comecei a voltar e perdi o pé e nadei tão furiosamente que, adiante, já braceava no raso e não sabia. Levantei-me, exausto, você estava à minha frente, rubro e com as mãos crispadas.

Mariozinho foi com você no Austin, eu pedalando atrás e adivinhando o outro lado da ventura: aquele rio que parecia vir do Paraíso ia desembocar no Inferno.

Você estacionou o carro e mandou o mano entrar. Pôs-se a amaldiçoar Tia Gioconda e, agarrando a bicicleta, ergueu-a sobre a cabeça e a jogou no chão. Minha Birmingham, gritei. Corri para levantá-la, mas você se interpôs, desapertou o cinto e apontou para a garagem, medonho lugar dos meus corretivos.

Sentado no chão, entre cabeceiras de velhas camas e caixotes de ferragem caseira, esperei que você viesse. Esperei sem medo, nenhum castigo seria mais doloroso do que aquele que você já dera. Mas você não veio. Quem veio foi mamãe, com um copo de leite e um pires de bolachinha-maria. Pediu que comesse e fosse lhe pedir perdão. E passava a mão na minha cabeça, compassiva e triste.

Entrei no quarto. Você estava sentado na cama, com o rosto entre as mãos. “Papai”, e você me olhou como se não me conhecesse ou eu não estivesse ali. “Perdão”, pedi. Você fez que sim com a cabeça e no mesmo instante dei meia-volta, fui recolher minha pobre bicicleta, dizendo a mim mesmo, jurando até, que você podia perdoar quantas vezes quisesse, mas que eu jamais o perdoaria.

Mas não chore, papai.

Quem, em menino, desafeito ao pó de sua cidade, sonhou com os Jardins da Babilônia e outras estampas do Sabonete Eucalol não acha em seu coração lugar para o rancor. Eu jurei em falso. Eu perdoei você.

VOCABULÁRIO

Austin: marca inglesa de automóvel;

Birmingham: bicicleta produzida na cidade de Birmingham, Inglaterra;

Cesta: sono que é realizado após o almoço;

Cinamomo: arbusto ou árvore que pode medir até 20 metros;

Cochilha: região extensa com muitas colinas;

Desafeito: desacostumado, desabituaado;

Lançante: ladeira, descida;

Piá: menino;

Seixo: pedra comum e arredondada.

ATIVIDADES DE LEITURA

QUESTÃO 1

No gênero conto, o enredo se organiza em torno de um único conflito, ou seja, de uma única oposição entre forças. Esse conflito pode se dar, por exemplo, entre duas ou mais personagens, entre o protagonista e o antagonista, entre o protagonista e forças externas, etc.

Tendo como base o conto “*Não chore, papai*”, de Sérgio Franco, e a explicação destacada acima, identifique o motivo que desencadeou o conflito da história.

Habilidade trabalhada

Identificar foco narrativo (narrador), espaço, tempo, personagens e conflito.

Resposta comentada

De um modo geral, os conflitos surgem a partir de divergências de opiniões entre duas ou mais pessoas. No conto acima, essa divergência ocorre devido ao fato de o pai proibir a ida do filho ao rio e este o desobedecer. Neste caso, o ato de desobediência gerou uma situação de tensão entre os dois (pai e filho) que prossegue durante toda a narrativa. É importante ressaltar que, embora o conto tenha sido escrito em uma época diferente da nossa, situações como essa acontecem como muitos pais e filhos hoje em dia, o que faz com que ele seja contemporâneo a nós.

ATIVIDADE DE USO DA LÍNGUA

QUESTÃO 2

Conforme foi estudado no bimestre, as conjunções coordenativas são extremamente importantes para que um texto seja coerente e coeso, já que estabelecem nexos lógicos entre

as orações. Observe o enunciado abaixo, retirado do conto “*Não chore, papai*” e identifique o efeito de sentido que a conjunção destacada assume no período.

“Comecei a voltar e perdi o pé e nadei tão furiosamente que, adiante, já braceava no raso e não sabia.”

Habilidade trabalhada

Relacionar o uso de conjunções coordenativas variadas aos sentidos produzidos nas sequências.

Resposta comentada

Para responder esta questão, o aluno precisa entender que existem outras conjunções coordenativas, e que cada uma delas produz efeitos de sentidos diversos, de acordo com a função que desempenham. São elas:

1. **Aditivas** - estabelecem relações de adição, soma (e, nem, mas também);
2. **Adversativas** - estabelecem relações de oposição, contraste. (mas, porém, entretanto, contudo, todavia);
3. **Alternativas** - estabelecem relações de separação, exclusão (ou, ou...ou, já...já, quer...quer);
4. **Conclusivas** - estabelecem relações de conclusão (logo, pois, portanto, por isso);
5. **Explicativas** - estabelecem relações de explicação, justificativa (que, porque, porquanto, pois).

No caso do período acima, o elemento destacado foi utilizado como recurso para se acrescentar informações ao texto, o que o caracteriza como **conjunção coordenativa aditiva**.

QUESTÃO 3

Fazendo uso de sinais de pontuação adequados, é possível eliminar as conjunções coordenadas aditivas que aparecem no período, sem que haja perda de sentido do texto. Reescreva-o, substituindo as conjunções que ligam as orações do período trabalhado anteriormente por tais sinais de pontuação.

Habilidade trabalhada

Reconhecer e usar adequadamente a paragrafação e a pontuação.

Resposta comentada

Ao responder esta questão, o aluno não poderá esquecer que existem dois tipos de orações coordenadas: as sindéticas, determinadas pelo uso de conjunções entre as orações, e as assindéticas que são separadas por vírgula em vez da conjunção. Neste caso, substituindo a conjunção destacada no período por vírgula, teremos:

“Comecei a voltar, perdi o pé e nadei tão furiosamente que, adiante, já braceava no raso e não sabia”. Sendo assim, as orações “*voltar*” e “*perdi*” que eram sindéticas passam a ser assindéticas.

TEXTO GERADOR II

O texto gerador II é um conto de Carlos Drummond de Andrade. Nele, o tema principal é a relação de um jardineiro com as flores, em especial com o girassol.

MANEIRA DE AMAR

O jardineiro conversava com as flores, e elas se habituaram ao diálogo. Passava manhãs contando coisas a uma cravina ou escutando o que lhe confiava um gerânio. O girassol não ia muito com sua cara, ou porque não fosse homem bonito, ou porque os girassóis são orgulhosos de natureza.

Em vão o jardineiro tentava captar-lhe as graças, pois o girassol chegava a voltar-se contra a luz para não ver o rosto que lhe sorria. Era uma situação bastante embaraçosa, que as outras flores não comentavam. Nunca, entretanto, o jardineiro deixou de regar o pé de girassol e de renovar-lhe a terra, na ocasião devida.

O dono do jardim achou que seu empregado perdia muito tempo parado diante dos canteiros, aparentemente não fazendo coisa alguma. E mandou-o embora, depois de assinar a carteira de trabalho.

Depois que o jardineiro saiu, as flores ficaram tristes e censuravam-se porque não tinha induzido o girassol a mudar de atitude. A mais triste de todas era o girassol, que não se conformava com a ausência do homem. “Você o tratava mal, agora está arrependido?” “Não”, respondeu, “estou triste porque agora não posso tratá-lo mal. É a minha maneira de amar, ele sabia disso e gostava.

ATIVIDADE DE LEITURA

QUESTÃO 4

Entre os elementos que compõem o enredo de uma narrativa, é possível afirmar que o clímax se destaca por ser ele o determinador do desfecho que a história terá. Partindo dessa realidade, transcreva do conto “*Maneira de amar*”, de Carlos Drummond de Andrade, o fragmento que representa o clímax do conto. Justifique sua escolha.

Habilidade trabalhada

Identificar os elementos do enredo: apresentação, complicação, clímax e desfecho.

Resposta comentada

A partir da leitura atenta do conto, pode-se perceber que o momento de maior tensão do enredo, momento esse em que se dá o clímax, ocorre quando o patrão, por achar que o jardineiro perdia muito tempo diante dos canteiros e, portanto, não estava sendo produtivo o demitiu. Neste caso, o fragmento que representa este momento é:

“O dono do jardim achou que seu empregado perdia muito tempo parado diante dos canteiros, aparentemente não fazendo coisa alguma. E mandou-o embora, depois de assinar a carteira de trabalho.”

ATIVIDADE DE USO DA LÍNGUA

QUESTÃO 5

É comum nos textos literários os autores fazerem uso de figuras de linguagens para expressarem seus pensamentos ou suas emoções. Neste caso, ao utilizarem tais recursos comunicativos eles dão novos significados às mensagens que escrevem, além de se distanciarem do sentido formal, dicionarizado das palavras. Partindo dessa realidade, analise o período abaixo e identifique qual figura de linguagem está presente nele.

“Depois que o jardineiro saiu, as flores ficaram tristes e censuravam-se porque não tinha induzido o girassol a mudar de atitude.”

Habilidade trabalhada

Identificar a presença de figuras de palavra, pensamento e de sintaxe nos gêneros estudados

Resposta comentada

A partir do período acima, espera-se que o aluno perceba que as flores assumem características humanas, uma vez que se censuram e ficam tristes por algo que fizeram ou deixaram de fazer. Tais condições são inerentes apenas aos seres humanos, visto que só eles são capazes de pensar e produzir seus próprios meios de sobrevivência. Partindo dessa realidade, pode-se afirmar que a figura de linguagem presente no período em destaque é a **PERSONIFICAÇÃO**, pois apenas esta figura atribui a seres inanimados características humanas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Carlos Drummond de. **A cor de cada um**. Rio de Janeiro: Record, 1997. p. 30.

CEREJA, William Roberto; COCHAR, Thereza. **Texto e interação**. São Paulo: Saraiva, 2000.

CEREJA, William Roberto; MAGALHÃES, Thereza Cochar. **Português linguagens: volume 3**. 7. ed. reform. – São Paulo: Saraiva, 2010.

FRANCO, Sérgio. **Dançar tango em Porto Alegre**: L&PM, 1998. p. 86-89.

HENRIQUES, Claudio Cezar. **Sintaxe: estudos descritivos da frase para o texto**. – Rio de Janeiro: Elsevier, 2008

Para viver juntos: Português, 7º ano: ensino fundamental / Cibele Lopresti Costa... [et al.]. São Paulo: Edições SM, 2008.